

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Maria Graziela Moreira

O professor como oráculo do aluno

Porto Alegre
2. Semestre
2008

Maria Graziela Moreira

O professor como oráculo do aluno

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Profa. Dra. Roséli Maria Olabbariaga Cabistani

Porto Alegre

2. Semestre

2008

Para todas as crianças, bem como meus alunos, que me propiciaram um crescimento pessoal e profissional, em especial à Júlia e Beatriz. Aos meus pais que sempre me amaram e apoiaram. As minhas irmãs pelo exemplo de estudar nesta Universidade. Também ao meu incansável noivo, Rodrigo, pelos momentos em que me deu a segurança necessária para chegar até aqui. Meus tios Renato e Helena pelo exemplo de que o trabalho na educação deve ser feito com muito amor e trabalho. O amor incondicional de vocês me fez uma pessoa melhor e ainda mais realizada.

Ao termino deste trabalho gostaria de agradecer...

... à dedicação, paciência e presença de Roseli Cabistani, minha orientadora, com sua palavra oracular sempre positiva. Pela crença no meu trabalho e no meu potencial;

... aos colegas e professores da disciplina EDU02069 - Reflexão sobre a prática docente 0 - 6 anos pelas discussões que propiciaram uma melhor compreensão do trabalho de escrita, em especial à Carine Santos;

... à COMGRAD pelas orientações sempre presentes durante a realização deste trabalho;

... à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por proporcionar um curso gratuito e de qualidade para a formação de professores;

RESUMO

O PROFESSOR COMO ORÁCULO DO ALUNO

Maria Graziela Moreira

Prof^a Orientadora: Roséli Maria O. Cabistani

Este trabalho investiga o lugar da palavra do professor no processo de aprendizagem do aluno. Tem como objetivo entender como a presença ou a ausência de uma palavra pode influenciar no fracasso do aluno. As expectativas do professor sobre o desempenho dos alunos podem funcionar como profecias educacionais que se auto-realizam (Rosenthal). É por meio da palavra que estas expectativas são dirigidas aos alunos. Para a realização deste estudo descrevo e discuto momentos ocorridos durante meu estágio, analisando as intervenções da professora titular e algumas produções dos alunos. Este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa que se utiliza de algumas ferramentas de cunho etnográfico. A palavra dos primeiros professores, normalmente, fica marcada em todos os alunos que o autorizaram e acreditaram nele. Isto mostra a importância da fala do professor, que marca para sempre quando colocada como objeto do desejo de saber. O professor é ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial, por isso, passa a ter em mãos um grande poder de influência.

Palavras-chave: palavra do professor – transferência – relação professor-aluno.

RESUMO	5
INTRODUÇÃO.....	7
A palavra do professor nos destinos do aluno	8
O PROFESSOR E O ORÁCULO	14
CAMINHOS PERCORRIDOS.....	16
AS RELAÇÕES DOCENTES	17
O encontro na sala de aula	21
Situação 1:.....	21
Situação 2:.....	22
Situação 3:.....	23
Situação 4:.....	24
Situação 5:.....	26
E HOJE, COMO ESTÃO?	27
O professor como oráculo do aluno.....	28
ÚLTIMAS GOTAS.....	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Durante minha prática docente num segundo ano do ensino fundamental muitas dúvidas em relação ao processo de aprendizagem e fracasso escolar dos meus alunos foram surgindo, pois dos 26 alunos, 7 estavam repetindo pela terceira vez, 1 pela quarta vez e 1 pela primeira vez a mesma série com a mesma professora titular. Fiquei instigada a tentar entender por que isto acontecia e muitas perguntas surgiram. Um fato que me chamou atenção é que a professora titular da turma já iniciava o ano letivo dizendo quem teria condições de passar para a próxima série e quem novamente ficaria onde estava.

Durante o tempo que fiquei com a turma eram raros os momentos em que a professora titular da turma não estava na sala de aula. Por vezes, quando as crianças se dirigiam a ela com dúvidas ou problemas a serem resolvidos muitas vezes uma palavra se fazia necessária e a professora não proferia. Em outras oportunidades que ela tinha para falar com as crianças não as incentivava, cobrava e demonstrava seu pessimismo em relação ao futuro do aluno. Na conversa com os pais, a professora não mudava a maneira de falar o que pensava. Sempre era muito categórica com os pais dizendo que as condições de seus filhos avançarem de ano eram remotas. Além disso, muitas vezes culpava a família pelo fracasso do aluno, dizia que não se preocupavam com a criança e não faziam sua parte ajudando em casa a realizar as tarefas escolares.

Com todos estes acontecimentos precisei escolher um caminho para entender como estas previsões podem influenciar no futuro do aluno; por isso procuro entender qual o lugar da palavra do professor no processo de aprendizagem do aluno. Algumas questões que me proponho refletir são: como a presença ou a ausência de uma palavra podem influenciar no fracasso do aluno e porque estes momentos adquirem tanta importância para a criança?

Este trabalho é composto por um capítulo inicial em que discuto alguns conceitos importantes para uma melhor compreensão do tema proposto. Num segundo momento descrevo como o trabalho foi realizado, seus passos, os caminhos percorridos para sua composição. Por fim, faço uma reflexão sobre as possibilidades que a revisão bibliográfica combinada com a prática permitiram neste estudo.

A PALAVRA DO PROFESSOR NOS DESTINOS DO ALUNO

Ao refletir sobre o lugar da palavra do professor no processo de aprendizagem do aluno, é importante a diferenciação entre fala e palavra. Segundo o dicionário Aurélio, fala é *aquilo que se exprime por palavras; palavra, dicção, vocabulário; parte do diálogo dita por um dos interlocutores*; e palavra é *uma unidade mínima com som e significado que pode, sozinha, constituir enunciado*. Esta diferenciação se faz necessária porque é sobre a palavra do professor, que ganha um sentido especial, que vou refletir.

Em relação aos outros animais o ser humano nasce prematuro, isso porque seu sistema neurológico ainda não está completamente formado, isto é chamado de neotenia e tem conseqüências para a formação da consciência de si. É por isso também que o ser humano é o animal que mais necessita do amparo e do cuidado do adulto. Segundo Barone (2007) “ [. . .]sua prematuração ímpar cria a necessidade inexorável da presença do outro para garantir sua possibilidade de existência.” (p.61)

Tal citação afirma que a aprendizagem humana terá seu início, que será constituída, através do cuidado e interação do adulto com a criança.

Ao nascer, o bebê não tem consciência de si como sujeito, para que isto ocorra é necessário que um adulto que a entenda como sujeito tenha alguns cuidados. Dunker (2008) demonstra que o adulto trata a criança como sujeito através de quatro processos, iniciados com o nascimento do bebê, mas que utilizamos ao longo da vida da criança. São eles: falar com a criança e interpretar suas reações; a presença de trocas corporais investidas de satisfação e carinho; a repetição do que a criança faz, como se fosse um espelho; e o uso da palavra para apresentar o mundo à criança.

Segundo Cabistani (2007)

Ocorre que, como somos seres de linguagem, as ações ´produzem efeito de sentido. Não é sem conseqüências que um bebezinho, ao ser amamentado, limpo ou vestido, seja olhado, falado e acarinhado. (p. 49)

Os cuidados que o adulto tem com a criança vão além de satisfazer as necessidades biológicas, porque quem cumpre a função materna introduz a criança à ordem simbólica, onde o inconsciente está situado. Em função disto, este inconsciente será “inaugurado” por quem faz a função materna. Quem desenvolve

as funções materna e paterna insere este bebê na sua pré-história, que é constituída dos mitos familiares.

O contato com o outro torna o corpo biológico da criança um corpo ficcional, retira a criança do estado de “pura necessidade”, marcando-o pelo significante. Por sua imaturidade neuromotora, o bebê não é capaz de produzir uma imagem agregada de si; por isso, o outro desenvolve nele uma imagem que chega de fora, antecipada pelo outro.

A necessidade de cuidado e amparo da criança, principalmente através da palavra, é importante para que a criança assuma uma imagem de si que é um ato psíquico formativo e importante. O adulto, ao falar com a criança, a introduz no mundo, em sua linguagem e em seu desejo. A interação do adulto, inicialmente os pais ou quem exerça a função dos mesmos, e posteriormente do professor podem impedir ou possibilitar que a criança tenha uma imagem de si positiva. É a partir da unidade imagética que a criança infere a unidade de si (Dunker, p. 18) A palavra do professor neste processo é um adicional, que pode contribuir para uma imagem de si positiva ou negativa, muitas vezes sendo determinante no fracasso escolar do aluno.

O fracasso do aluno pode ser chamado de fracasso escolar. E este, por sua vez, pode ser visto em perspectivas diferenciadas. A primeira perspectiva acredita que o fracasso do aluno se dê por “problemas emocionais”, isto seria por conta da criança não ter uma base psíquica madura, o que resulta em ansiedade, dificuldade de atenção, dependência, agressividade, etc.; que causam, por sua vez, problemas psicomotores e inibição intelectual, estes prejudicando a aprendizagem escolar. Normalmente os professores atribuem uma possível inibição intelectual causada por dificuldades emocionais adquiridas em relações familiares patologizantes. Outra perspectiva acredita que o fracasso seja por técnicas inadequadas do professor, altera-se o foco da culpabilização que não se localiza nos problemas individuais dos alunos, mas na técnica de ensino do professor. Há uma terceira perspectiva que indica a responsável pelo fracasso escolar como a política da escola, por sua lógica excludente da educação escolar que recai nas relações de poder existentes no interior da escola, especificamente na violência praticada pela escola ao estruturar-se com base na cultura mais difundida.

O fracasso escolar é freqüentemente visto como uma conseqüência das dificuldades de aprendizagem do aluno, ou uma falta de conhecimento e competências. No entanto, encontramos visões mais abrangentes como a autora

Maria Helena de Souza Patto (1999) que afirma que o fracasso escolar é um processo psico-social, ao mesmo tempo segundo Freitas (2003) ele é um fenômeno multifacetado e complexo em que as causas são diversas e se “influenciam” entre si. Por isso, faz-se necessária a reflexão sobre um ponto não muito discutido, em que o fracasso escolar pode não ser apenas o fato do aluno não aprender, mas um processo de resistência por parte do aluno. Uma resistência aos “supostos” culpados por este fracasso como as relações familiares, o professor ou o sistema da escola. Outro tipo de resistência que pode ser encontrada é a resistência como forma de cumprir o destino dado pelo professor. O aluno “desiste” de estudar por ouvir as previsões que o professor faz sobre seu destino, sobre sua reprovação quase confirmada. Por isso as causas do fracasso são dificilmente descobertas.

O processo do fracasso escolar, como já dito, pode ter sua causa no professor, em como ele conduz o aluno. Em algum momento ele pode dizer ou omitir uma palavra que pode vir a ter tamanha importância, capaz de prejudicar o processo de aprendizagem. Para Kupfer (ano, p. 84)

” a presença de um professor, colocado numa determinada posição, pode ou não propiciar aprendizagem. O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. Não há ensino sem professor. [. . .] Aprender é aprender com alguém.”

A aprendizagem, segundo Piaget é um processo oposto ao desenvolvimento; enquanto o desenvolvimento é um processo espontâneo que se relaciona com a totalidade de estruturas do conhecimento a aprendizagem é provocada por situações. Para haver aprendizagem é necessária a atividade do próprio sujeito, sem essa atividade não há possível didática ou pedagogia que transforme significativamente o sujeito. Os dois autores ressaltam a importância do professor no processo da aprendizagem, o sujeito é quem aprende, mas esta aprendizagem deve ser desencadeada por uma pessoa, no caso, o professor.

O processo de aprendizagem depende da motivação do aluno pela busca do conhecimento. Pode-se dizer que o que torna uma criança um desejante do saber é o processo em que o menino se entende como homem e a menina como mulher. Este processo é desencadeado pela angústia da castração, que ocorre durante o complexo de Édipo, esta angústia se dá pela compreensão dos sentimentos de perda, com a descoberta da diferença sexual anatômica.

Durante o complexo de Édipo ocorrem as investigações sexuais, que

acontecem pela necessidade da criança em entender o seu lugar no mundo, sendo este um lugar sexual. Este lugar está relacionado ao que os pais esperam da criança. Estas investigações sublimam-se, ou seja são deixadas de lado por uma necessidade própria da criança inerentes à sua constituição; no entanto, continuam a perguntar sobre isto, pois a pulsão continua agindo. As investigações são sublimadas em “pulsões de saber” associadas as “pulsões de domínio e de ver”. O desejo de saber fica associado com o dominar, ver e saber. As pulsões de domínio estão sempre presentes no conhecimento, são as ações “sádicas”; já as pulsões de ver são o objeto de uma visão pela qual o sujeito imagina sua origem.

Ao longo de sua obra, Freud foi alterando, ou melhor, acrescentando sentidos ao que ele entende como pulsão. Segundo Laplanche(ano), pulsão é um

processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo. (p. 506)

O conjunto das pulsões é formado por quatro elementos, são eles a pressão, a fonte, o objeto e o alvo, sendo estes inseparáveis da teoria freudiana. A diferença entre instinto e pulsão é que no instinto o objeto é capaz de satisfazer suas necessidades biologicamente pré-estabelecidas. Nas pulsões o objeto é variável, marcada pelo objeto que falta, não existe um objeto plenamente satisfatório.

O saber, então, é uma visão sublimada destas investigações sexuais associada com a “pulsão de domínio” que se transformam em “pulsão de saber”. É uma curiosidade dirigida, porque depois de sublimada, liga-se a objetos em geral, perdendo suas características sexuais. O desenvolvimento intelectual é impulsionada pelas investigações sexuais.

Segundo Barone (2007) para a criança entender a posição do professor ela se depara com a questão de que ela não sabe, que não é completa. Além disso, precisa aceitar que ele sabe as coisas que ela não sabe. Ou seja, o aprendiz atribui ao professor um saber que possa vir a preencher o que lhe falta. A criança pode lidar com esta situação de diferentes modos: competindo com o professor, muitas vezes com hostilidade; ou se colocar em uma posição de submissão, de impotência. O professor, por sua vez, sem saber do desejo do aluno, sustenta sua posição fazendo com que o aluno circule no seu desejo de saber. Ele deve ocupar este lugar,

tomando o cuidado para que não seja seduzido pelo poder a ele atribuído. No entanto, muitas vezes o professor se utiliza deste sentimento de submissão do aluno como instrumento de poder, colocando-se numa posição em que pode julgar o aluno e “condená-lo” a um destino.

O professor, à primeira vista, é alguém que tem algo a ensinar, deve ter domínio sobre determinado campo de conhecimento. No entanto, além de apresentar os conteúdos, é necessário que o professor entenda o lugar que ocupa na relação professor-aluno. Além de conhecer como o sujeito torna o professor um objeto passível de conhecimento, é igualmente importante que ele consiga sustentar o desejo do aprendiz na construção do conhecimento. Quem ensina tem seu lugar marcado como aquele que deseja o desejo de aprender do outro (RICKES, 1999). O professor está sujeito a desejos, ideais, além de possuir saberes que o tornam referência para o ensinamento. É neste saber que a autoridade do professor é fundamentada, sendo este conhecimento [esta sabedoria] fundamental para a transferência, para que o aluno enderece a ele seu desejo. Ele deve ser capaz de sustentar este lugar, o desejo que a criança endereça a ele, para que seja possível ensinar.

Quando o professor cede à tentação que o seu desejo impõe, sobrepondo-se ao desejo do aluno, acaba reduzindo sua função como uma contribuição à formação de um ideal, com uma função reguladora, normatizante e aí, fundará sua autoridade. O professor deve renunciar a esse lugar idealizado. Aceitar a importância que o aluno lhe dá, e conduzi-lo a superar esta importância fazendo com que siga seu curso, assim como os pais fazem, ao se retirarem no momento de deixar o filho andar com as próprias pernas. É exatamente o desejo inconsciente do professor que o faz sê-lo, mas é necessário que estando ali, precise renunciar ao seu desejo para que a aprendizagem aconteça.

O professor quando tem uma importância especial para seu aluno, passa a ter influência sobre esse. Isto se dá por que esta relação professor-aluno não está restrita aos conteúdos ensinados, mas à informação que é transmitida e que vai bem além do ensino de conteúdos. Este processo de *transferência* entre professor e aluno é o que faz a palavra do professor adquirir tanta importância na vida escolar do aprendente.

A transferência foi estudada anteriormente por alguns autores como o relacionamento afetivo entre professor-aluno. A palavra transferência apareceu, nos

estudos de Freud, pela primeira vez em seu livro *A interpretação dos sonhos* (1900), em que dizia que alguns fatos ocorridos durante o dia eram transferidos e trabalhados no sonho. Mais tarde, Freud percebeu que o analista também poderia ser “trabalhado” pelo paciente, transferindo a ele antigas vivências. Por isso, chegou a conclusão de que a transferência era uma manifestação do inconsciente. A transferência foi entendida por Freud como um fenômeno existente em qualquer relação humana, por isso o professor pode tornar-se o objeto de transferência do aluno. Nesta abordagem transferências

“São reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade característica a substituição de uma pessoa anterior ao médico. Ou, para dizê-lo de outro modo: toda uma série de acontecimentos psíquicos ganha vida novamente, agora não mais como passado, mas como relação atual com a pessoa do médico.” Freud apud Kupfer (1995, p.86).

Para Kupfer (1995), a transferência é “o campo que se estabelece entre o professor e seu aluno, que estabelece as condições para o aprender, sejam quais forem os conteúdos.” Esta transferência é produzida na relação professor-aluno, quando o desejo de saber do aluno é endereçado a um elemento particular, no caso a figura do professor. O que é transferido nesta relação são as representações das experiências vivenciadas anteriormente com os pais. Isto ocorre porque a criança inicialmente transfere ao professor os sentimento e relações que tinha com seus pais. Esta relação é repetida com o professor, mas com uma sensação de atualidade maior. Assim como acontece um distanciamento na relação com os pais, tal fato também acontece no relacionamento com o professor. Na adolescência, período em que ocorre um maior distanciamento entre pais e filhos, há um distanciamento dos professores também. Isto se dá pelo processo de transferência, já descrito acima. Os professores que conseguem manter um bom relacionamento com seus alunos, conseguem romper com as relações paternas que permeiam as relações aluno-professor. À medida que o professor se distancia das relações que o aluno teve com seus pais, se aproxima do aluno, que não transfere mais nem os problemas nem os afetos do relacionamento parental.

Neste relacionamento professor-aluno a transferência é produzida porque o desejo do aluno está situado em um elemento particular, no caso a figura do professor. Ou seja, transferir é dotar esta figura, que foi determinada pelo desejo, de um sentido especial. Por conta deste desejo há um deslocamento de papéis, atribuindo novas significações ao professor.

A palavra do professor adquire tamanha importância para o aluno devido ao processo de transferência entre aluno-professor, as relações estabelecidas entre eles. Por isso, se faz necessário entender de que forma esta palavra pode ser significativa no processo de aprendizagem do aluno. De acordo com Rosenthal (1981)

“As expectativas do professor sobre o desempenho dos alunos pode funcionar como uma profecia educacional que se auto-realiza. O professor consegue menos porque espera menos – esta é a essência das posições citadas.” (p. 258)

O professor, considerando a responsabilidade de ser o intermediário no processo da aprendizagem deverá cuidar das "profecias auto-realizadoras", isto é, prognósticos que o professor lança a respeito do processo de aprendizagem de seu aluno sem levar em consideração o seu desempenho e potencialidades. Tal prognóstico pode ser comparado aos oráculos que os gregos tanto consultavam e que acabavam produzindo um destino na vida das pessoas.

O PROFESSOR E O ORÁCULO

Na comparação que faço entre o professor e o oráculo torna-se necessário compreender o que é um oráculo e recorro então a um exemplo bastante conhecido. Segundo o dicionário Aurélio (2004) oráculo, do latim *oraculu*, pode ser 1.a resposta de um deus a quem consultava; 2. divindade que responde a consultas e orienta o crente: o oráculo de delfos; 3. palavra, sentença ou decisão inspirada, infalível, ou que tem grande autoridade: os oráculos dos profetas; 4. pessoa cuja palavra ou conselho tem muito peso ou inspira absoluta confiança. Os oráculos eram seres que faziam previsões baseados em conexões com um ser superior, poderiam ser os locais onde estas previsões eram feitas e até mesmo as previsões poderiam ser chamadas de oráculo. Para que estas previsões acontecessem, deveriam ser seguidos os rituais de conexões com os deuses, e poderiam ser feitas apenas por pessoas determinadas por eles.

A história de Édipo demonstra como funcionavam os oráculos na mitologia. Édipo consulta um oráculo. Este não revela quem são seus pais biológicos, mas diz

que seu destino seria matar seu pai e casar-se com sua mãe e o seu destino fica selado. Em um dos caminhos da procura de Édipo por sua terra natal, encontra um viajante que acaba por golpear e matar. Quando chega a Tebas enfrenta uma esfinge que faz a pergunta: *"O que é que anda pela manhã com quatro pernas, à tarde duas pernas e à noite três pernas?"* para Édipo não foi difícil responder: *"homem, que como um bebê engatinha de quatro, acaba crescendo e andando em duas pernas e com a idade necessita do suporte de uma terceira perna, uma bengala"*. Com a decifração do enigma, Édipo livrou o povo da esfinge e este fez de Édipo seu rei, ofertando-lhe a mão da rainha Jocasta, sua mãe biológica. E assim se realizou a profecia do oráculo de Tebas.

Assim como Édipo recorre ao oráculo de Tebas, muitas pessoas recorrem aos oráculos existentes nos dias atuais. Os oráculos procurados podem ser a quiromancia, o tarot, entre outros. As pessoas que fazem estas predições do futuro são investidas de poder espiritual, trazendo a quem procura uma palavra oracular, capaz de mudar seu destino. Desta forma, o professor, com o poder que a transferência lhe dá, pode ganhar a função de oráculo junto ao aluno, sendo suposta a ele a função de ver o que ninguém consegue ver e selar o seu destino. Este estudo destina-se a entender como a palavra do professor, uma palavra quase oracular, se torna tão importante para o aluno.

O acesso à escola nas classes populares é sinônimo, muitas vezes, de status. Em outros casos como o do aluno T. estar na escola significa uma simples obrigação, pois por sua admiração à profissão do avô que é carroceiro não implica ter estudo, mesmo que carroceiros com mais estudos podem ter melhores oportunidades. Por si só esta situação já tem grandes chances de fracasso escolar, mas pode ser piorada quando a palavra do professor se torna significativa ao tentar impedir os sonhos do aluno, para que este se interesse pelos estudos. Na realidade o que muitos destes alunos precisam é da aposta deste professor em seu sucesso escolar, como já explicado pelo processo de transferência.

CAMINHOS PERCORRIDOS...

As observações feitas para esta pesquisa se deram ao longo do meu estágio, pois como a professora titular permanecia na sala de aula, em poucos momentos pude ficar sozinha com a turma. A professora titular tinha grande dificuldade em me deixar sozinha na sala de aula, tentava demonstrar o quanto era indispensável para a turma, para que aula pudesse acontecer. Sua postura, suas intervenções interferiram em meu trabalho enquanto estagiária que deveria estar à frente da sala de aula. A pergunta que quero responder é qual o poder que tem a palavra do professor no sentido de influenciar no aprendizado ou no fracasso do aluno.

O estágio, bem como, as observações foram feitas numa escola estadual em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. O estágio curricular foi realizado no período de março à junho de 2008. A turma tinha 26 alunos, 9 meninas e 17 meninos com alto índice de repetência. A professora titular atuava na área da educação há cinco anos, sua formação era magistério e concluiu há pouco tempo a graduação em pedagogia.

Em meu trabalho utilizei a investigação empírica, buscando interrogar um fenômeno ocorrido dentro de um contexto real. Trata-se de um estudo de caso de cunho etnográfico, segundo Sarmiento (2003) “que incide em episódios, em determinado períodos de tempo”. Esta pesquisa está centrada em fenômenos simbólicos do contexto da escola. O estudo de caso etnográfico exige que seja feito um desenho investigativo, com métodos decorrentes desta orientação. Os elementos metodológicos de que me utilizei foram a permanência no contexto de investigação, a descrição das vivências, um relato bem enraizado e significativo do contexto estudado e um texto capaz de unir a narração dos fatos com a conceitualização teórica.

Para recriar o contexto da investigação, dos acontecimentos da escola recorro a algumas fontes como meu diário de classe, planos de aula, conversas com a professora e a narrativa de momentos significativos à esta pesquisa, que pode ser caracterizada como uma pesquisa qualitativa de abordagem interpretativa. A pesquisa destina-se a estudar as relações entre professor e aluno, ou seja, os laços estabelecidos entre a palavra do professor e os efeitos desta no futuro do aluno.

Para fazer esta análise, a descrição de algumas situações observadas faz-se necessária, pois “a etnografia visa apreender a vida, tal qual ela é quotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais nos seus contextos de ação. (Sarmiento, p. 153)”.

AS RELAÇÕES DOCENTES

Esta investigação é uma construção minha enquanto observadora, não é uma simples transposição. Numa observação participante em que o observador é o principal instrumento de investigação, estando disponível para escutar, sentir e observar o que acontece, ele deve incluir-se no contexto observado. O observador torna-se mais um tópico para a investigação. Segundo Sarmiento estas observações criam a “realidade tridimensional” que é um resultado do relato vivido, dos contextos de ação e do funcionamento da organização. Por isso, neste momento utilizo-me das relações da professora, não só com seus alunos, mas com outros atores sociais desta comunidade escolar, inclusive comigo, para considerar o contexto escolar.

A escola está localizada na Zona Norte de Porto Alegre. Tem cinco pavilhões paralelos, três de madeira e dois de alvenaria, com um andar cada, elevados 2 ou 3 degraus do solo, dependendo da área do terreno onde está situado. O chão da escola é de laje egres (arenito) na rua e de madeira nos pavilhões. A escola conta com sala de professores, sala de vídeo e brinquedos, sala de artes, refeitório, direção, secretaria, círculo de pais e mestres – CPM, serviço de orientação educacional – SOE, serviço de supervisão escolar – SSE, banheiros feminino e masculino, além do banheiro de professores e um de cadeirantes, que não é utilizado, pois não há alunos cadeirantes. Há quadras de futebol e vôlei, bem como praça para as crianças do primeiro ano. São dez salas de aula e uma biblioteca – que está fechada – e sala de informática.

A escola oferece Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Ensino Médio, por isso não há uma faixa etária bem definida. A escola atende a uma população de baixa e média renda. O projeto político-pedagógico diz que o aluno deve desenvolver a capacidade aprender, de ser crítico,

reflexivo. O papel do professor deve ser o de educar, buscar a comunicação procurando a interação, trabalhar conteúdos significativos à realidade do aluno visando prepará-lo para viver em sociedade. O compromisso básico da escola é com o desenvolvimento cognitivo do aluno, deve trabalhar valores pessoais e sociais – capacidade de definir regras sociais, mas também obedecê-las. A orientação curricular da escola direciona-se para os valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres do cidadão, de respeito ao bem comum e à ordem democrática. A avaliação pressupõe o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, deve ser contínua e cumulativa. Ao aluno, a avaliação fornece informação sobre seu desempenho, ao professor, um diagnóstico para o planejamento de novas etapas do processo ensino-aprendizagem.

Em geral, os responsáveis pelas crianças são os pais, mas a maior parte fica com os avós para que os pais trabalhem. Estes realizam atividades bem diversificadas: cabeleireiros, empregadas domésticas, papeleiros, carroceiros, entre outras. As crianças moram nos arredores da escola e a maior parte não precisa de transporte vão a pé para a escola. Os critérios para admissão dos alunos são o endereço próximo à escola e ser menor de idade. As informações sobre os alunos são coletadas através de uma ficha de inscrição e para serem alterados os dados, os responsáveis devem procurar a secretaria da escola. As informações sobre aprendizagens se dão através de reunião com os pais ou através do ESAE que conta com avaliação psicológica e pedagógica.

A sala de aula tem amplas janelas, as classes estão dispostas em duplas. A professora normalmente usa as classes assim, mas diz que eventualmente faz grupos. As crianças estão posicionadas através do espelho de classe, feito pela professora. O critério para a professora escolher as duplas é o comportamento e a aprendizagem, as crianças que não tem dificuldade de aprendizagem sentam juntas e mais para a frente, e as que têm problemas de aprendizagem, sentam juntas no fundo da sala para que não dispersem os colegas.

A diferença econômica é bem visível em sala de aula, algumas crianças não tem material para freqüentar a aula enquanto outros tem os materiais bonitos, com personagens de desenhos animados conhecidos. Além disso, a professora trata diferente os alunos de menor renda, por exemplo, o L. não podia beijá-la porque é

muito pobre e “não tem hábitos de higiene” SIC¹. Os pais não tem um nível de escolaridade alto, por isso, suas profissões são pouco especializadas.

A professora da turma que estou investigando é recém formada no curso de pedagogia, mas atua no sistema de educação do Estado do Rio Grande do Sul há 5 anos. Formada anteriormente no magistério há muitos anos, não atuava na área desde quando concluiu. Os pais das crianças eram freqüentemente chamados pela professora para conversar sobre o futuro delas. A maior parte destes pais tinha muito pouca escolaridade e achavam correto a professora avisar sobre as dificuldades dos alunos e falar para os próprios alunos, se eles tinham ou não chances de passar para que fossem se “conformando” com a situação. A professora era considerada muito boa pelos pais, pois não deixava um aluno “fraco” passar para não ir mal na próxima série; achavam que ela mantinha uma boa educação dentro da sala de aula e, por todos estes motivos, era uma boa professora.

O relacionamento da professora com a direção da escola era razoável, pois apesar de apoiar o diretor da escola, não gostava da vice-diretora que era quem, de fato, trabalhava com os professores do turno da tarde. Achava que a vice era muito “frouxa” com os alunos, não prezava pela educação e punições e quando os pais vinham até a escola nunca os atendia, sempre mandava chamar o professor para resolver os problemas. Com outros setores da escola, como o setor de orientação educacional (SOE) e a equipe do refeitório seu relacionamento também não era muito bom. Não gostava da orientadora educacional, pois além de não gostar de psicólogos, achava que esta nunca fazia nada com os alunos com problemas de aprendizagem e repetência. Alegava que ela apenas encaminhava a Equipe de Saúde Escolar (ESAE) que era um sistema de prevenção ao fracasso escolar, que não resolvia os problemas dos alunos, porque não chamava os pais para conversar sobre os problemas de aprendizagem das crianças. Com as funcionárias que serviam merenda, não gostava do modo que elas exigiam disciplina no refeitório e o modo como desautorizavam o professor dentro do mesmo.

O SOE encaminha os alunos ao melhor acompanhamento seja ele psicológico ou qualquer outro da área da saúde. Com a ajuda do ESAE, marca consultas médicas e exames, quando necessário. Durante o período de estágio, o SOE propôs à professora que ela preparasse aulas particulares de “reforço” para os

¹ SIC – segundo as palavras da professora.

alunos com maiores dificuldades, mas a professora se negou. Dizia que os alunos com dificuldades não deveriam ser tratados com mais atenção porque na escola eles deveriam ter um tratamento igual, além disso, ela teria muito trabalho.

Os outros professores a respeitavam bastante, a consideravam uma professora um pouco menos tradicional porque tinha recentemente concluído a graduação. Não gritava muito em sala de aula, por isso, seus colegas a achavam bastante paciente e receptiva aos alunos. Muitas vezes, o professor consegue respeito por reprovar muitos alunos. No caso desta professora não poderia ser diferente, seus colegas a consideravam “boazinha” com os alunos, mesmo sendo enérgica ao rodar o aluno que considerasse necessário.

Durante este ano, a professora mudou de escola, mas saiu quando já havia chegado sua substituta. A professora substituta estava bastante satisfeita, pois a professora antiga já havia chamado sua atenção para alguns problemas da turma. Dentro destes problemas estão a indisciplina de alguns alunos, aqueles que têm problemas de aprendizagem, os que não aprendem nada e os que não têm maturidade para passar para a próxima série.

A respeito da professora, a opinião dos outros professores, incluindo a nova professora da turma, percebe-se um relação de poder estabelecida entre seus pares. Isto é, freqüentemente um professor que reprova muitos alunos é considerado um bom professor por exigir bastante, não deixando seus alunos seguir para o ano seguinte sem os conhecimentos pré-estabelecidos.

As crianças sempre se dirigiam a mim como professora, porque nas duas primeiras semanas, a professora titular me deixou sozinha com as crianças e pude assumir a minha posição. As crianças sabiam que eu era estagiária, mas sempre me respeitaram como professora, fazendo a atividade como eu explicava, independente do que a professora titular dizia. Entretanto, mesmo com ela em sala de aula, me chamavam de professora e vinham até mim para tirar dúvidas, recorriam a ela apenas quando eu estava ocupada com outro aluno. Quando ela se ausentava da sala de aula, as crianças ficavam mais à vontade para fazer perguntas durante a explicação ou as atividades, a aula era mais participativa.

Das vezes que me deixou sozinha em sala de aula, normalmente, era porque algum professor tinha faltado e ela tinha que ir substituí-lo. Outro motivo para que ela me deixasse sozinha em sala de aula era um sistema de folgas que as professoras das séries iniciais da escola tinham combinado. A professora que tinha estagiária

tirava uma folga por semana, no entanto, em outro dia substituía outra professora para que ela também tivesse folga, era feito um rodízio de folgas entre os professores.

Meu relacionamento com a professora titular era bom, apesar de, muitas vezes, me sentir incomodada por sua postura, atitudes e intervenções com os alunos durante a aula. Seu modo de agir, de falar com os alunos acabava por reforçar o poder que ela tinha com a turma, me deixando numa posição de coadjuvante em que só poderia atuar na ausência dela, que era rara. Diante das situações que se tornaram parte da minha pesquisa, não poderia tomar providências em relação à professora titular, uma vez que minha condição era de estagiária. Esta posição passiva que eu acabava por ocupar, causava-me incômodo, por isso, resolvi investigar porque esta palavra do professor, esta palavra *oracular* adquire tanta importância na vida do aluno.

O ENCONTRO NA SALA DE AULA

Para recriar o ambiente onde estão focadas minhas análises, recorro a algumas situações que ocorreram durante minhas observações, em sala de aula. Abaixo, estão as descrições dos momentos que me levam a pensar no meu objeto de pesquisa a palavra do professor e de que maneira ela se torna significativa para o aluno. Fiz um recorte das situações que ocorreram durante meu estágio e selecionei algumas onde a postura da professora produzia o efeito de barrar as expectativas dos alunos em relação a si mesmos, muitas vezes prevendo seu destino.

Situação 1:

A aluna D. pediu ajuda à professora para realizar um problema matemático que foi escrito no quadro. A professora que estava ocupada em mimeografar folhas para dar continuidade à aula disse a aluna que não era capaz de realizar a atividade porque, apesar de estar pela segunda vez nesta série, não aprendia a ler.

A menina perdeu os pais, e recentemente no ano passado, a irmã que também estudava na escola devido ao vírus da AIDS. É criada pela avó que cria seu irmão também, na escola não se sabe se eles são portadores do vírus ou não. No início do ano, a menina estava morando na casa de uma tia, muito feliz e não queria voltar, mas como estava matriculada na escola, a avó foi buscá-la. A menina estava com o cabelo mais comprido e adorava seus cabelos, mas a avó cortou para que não pegasse piolho. A professora se preocupa com esta situação, recolhe roupas e alimentos, além de material escolar para a menina, que gosta muito da professora.

A menina iniciou o ano com a hipótese pré-silábica, colocava as letras aleatoriamente, mas não fazia correspondência entre som e escrita. Abaixo, uma atividade demonstrando sua escrita, que permaneceu inalterada durante o período de estágio. A menina escreveu uma história sobre índios e disse que estava escrito: “Os índios, nossos amigos, e as índias cuidam de nós.”



Situação 2:

O aluno B. estava muito feliz por estar escrevendo silabicamente e já lia algumas palavras, veio falar pra mim que este ano iria passar para a próxima série, pois já estava pela terceira vez no segundo ano. Fiquei bastante satisfeita com esta afirmação, mas a professora disse que se continuasse assim não iria passar, porque isto não é escrita para a série seguinte e quem não aprendeu até agora,

provavelmente não aprenderá mais.

Este menino mora com a mãe na casa dos avós, mas quase não vê a mãe. Ele chama a avó de mãe e diz não gostar da sua mãe. Durante o dia o primo e colega M. fica junto com ele e a comparação dos familiares entre eles é inevitável; afinal, o primo é mais novo e está na mesma série que ele. A professora diz que não tem o que fazer porque a própria mãe já “abandonou” o filho, que ela não pode se envolver com o problema de todos os alunos.

Ao iniciar o estágio, o menino estava na hipótese pré-silábica, ao final do estágio estava na transição entre as hipóteses silábica e silábica-alfabética, conforme a atividade abaixo mostra. A atividade era sobre uma história que eles leram e deveriam escrever o que mais gostaram. O menino leu que estava escrito: “A gata estava feliz e nasceu um gato”.

A GATA TABÉ E NA EO E CERA
NAEU MU GATO



Situação 3:

Dois alunos K. e M. estavam sentados juntos realizando a atividade de encontrar no texto todas as letras “ç” que nele tinha. M. tentava ajudar o K. dizendo pra ele procurar a letra que tivesse o desenho da letra procurada, mesmo ambos não sabendo ler. Quando a professora viu, foi até eles e disse para o M. não ajudar o

K. porque não sabia ler, além disso não era necessário perder tempo como K. porque ele tem problemas para aprender e, por isso, estava há tanto tempo nesta série.

O aluno K. tem uma irmã na escola e a mãe passou a freqüentar mais a escola para trazer a menina; no entanto, K. continua vindo com outro colega. A mãe disse que desistiu dele porque ele não aprende e que não tem tempo de ficar com ele porque se divide entre o trabalho e a irmã dele. Algumas pessoas da escola comentam que o pai dele é bastante violento com ele. Alguns episódios em que ele fez xixi na calça em sala de aula se tornaram comuns depois que chamaram o pai dele na escola.

O menino iniciou o ano sem saber escrever seu nome, apesar de estar repetindo esta série pela terceira vez. Ao longo do estágio, ele aprendeu a escrever seu nome e chegou a fazer a hipótese da escrita com as letras de seu nome, mas logo regrediu e passou a escrever através de desenhos/símbolos. Abaixo uma demonstração de sua escrita acompanhada do desenho da escrita em uma atividade sobre o dia do índio, ele não sabia dizer o que tinha escrito.



Situação 4:

A professora foi categórica em afirmar na entrega de avaliações, na frente do

menino L., que ele não aprendia, por mais que ela se esforçasse, ele nunca aprendia; que já estava cansada de investir nele, pois ele já estava há muito tempo nesta série sendo aluno dela. Disse ainda que a culpa pela falta de aprendizagem era da família por ser negligente e ter deixado estes tristes fatos acontecerem com ele.

Na entrega de avaliações, a professora foi conversar com o padrasto de L. e ele contou a história desta criança e pediu ajuda da professora de que modo poderiam ajudar a criança a passar de ano. O menino sofreu abusos sexuais quando era menor, por duas pessoas diferentes: um ex-padrasto e por uma pessoa que cuidava dele para a mãe trabalhar. Outro problema que o padrasto descreveu é que o menino está com a mesma altura há 3 anos e um psiquiatra explicou que isto se dá porque ele não quer crescer por conta de tudo que já aconteceu com ele.

Se não acompanhasse o menino com mais atenção, poderia acreditar que ele está na hipótese silábica, mas com a observação é possível perceber que ele apenas faz cópias, tanto do que está escrito na sala, quanto do que os colegas escrevem. Na atividade baixo sobre o dia do índio, o menino acabou copiando a escrita do colega que estava sentado ao seu lado. O menino disse que estava escrito: “filho, onde está você?”

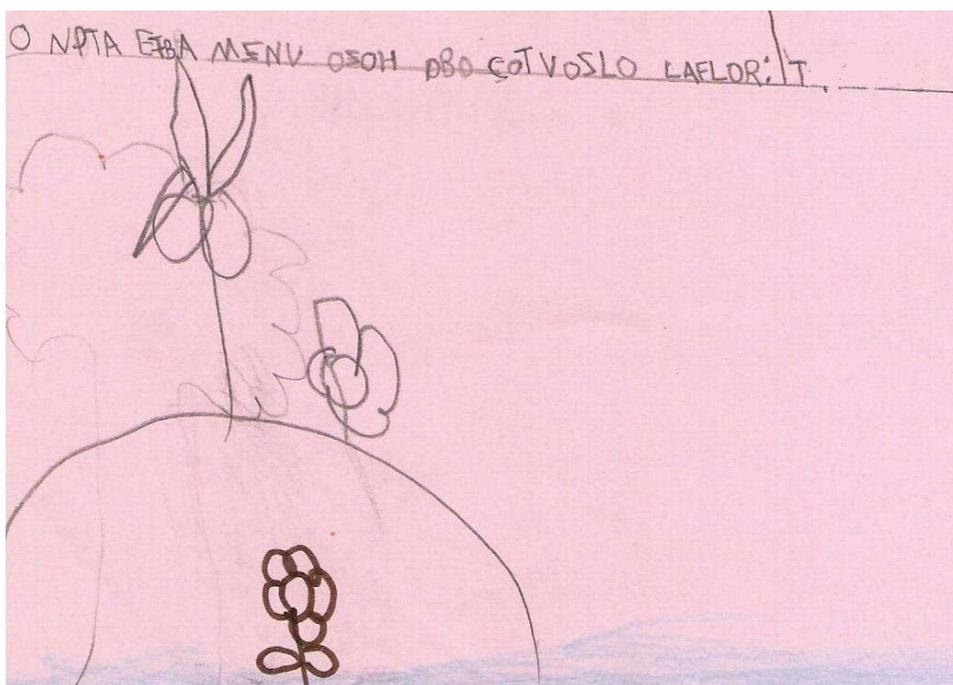


Situação 5:

A professora estava falando com T. que ele deveria mudar sua posição em relação ao que ele queria ser quando crescesse. T. tinha o sonho de ser carroceiro como o avô, mas a professora dizia a ele que todo o carroceiro é burro e ele estava indo pelo mesmo caminho, afinal não aprendia, não tinha interesse e continuava pela quarta vez neste ano escolar.

T. é criado pelos avós porque foi abandonado pela mãe e o pai saiu da prisão há pouco tempo, apesar de morar junto com eles. O pai foi preso por latrocínio e é muito violento, nos primeiros dias em que seu pai foi solto ele não veio à aula. Ele tem faltas constantes e diz que só vai à aula porque é obrigado, senão os avós podem ser presos.

O menino iniciou o ano com a hipótese pré-silábica, e ao longo do estágio não conseguiu utilizar outra hipótese. Como faltava muitas aulas, acabava por ficar um pouco perdido no conteúdo, mas tentava incorporar palavras novas ao seu trabalho, copiando-as dos cartazes fixados na sala. O menino disse que tinha escrito: “a menina foi enterrada e nasceu uma flor.”



E HOJE, COMO ESTÃO?

Na busca de mapear os efeitos da palavra do professor, busquei informações acerca do que aconteceu com os alunos ao longo deste ano. A maior parte das crianças ainda não teve avanços ou até regrediram nos avanços que tinham tido. Em seguida, faço uma breve descrição de como estes alunos se encontram neste momento de sua vida escolar.

A menina D. conseguiu avançar em alguns conhecimentos matemáticos com a ajuda de um programa de uma ONG em que ela frequenta no turno inverso ao da aula. Em relação à alfabetização, requisito necessário para avançar para a outra série, ainda está pré-silábica e a professora já disse à ela que não irá passar para a série seguinte. O aluno K. também frequenta o programa da ONG com aulas no turno inverno, mas a mãe não o leva sempre. Ela disse que a professora da turma não acha que vai ajudá-lo porque ele realmente não aprendeu nada este ano e, por isso, não entende a necessidade dele ir todos os dias. A mãe e a professora acharam melhor que ele não passe de ano.

O aluno M. primo do aluno B. está alfabetizado e a todo momento a professora faz referencia para o B. Diz que seu primo bem mais novo e que está pela primeira vez nesta série já aprendeu e ele não aprende. B. que tinha avançado na escrita, regrediu para o nível pré-silábico e não lê mais nenhuma palavra. T. continua como mesmo propósito de ser carroceiro e diz que não precisa saber mais do que já sabe para isso. Continua como mesmo nível de escrita e leitura, não teve avanços nos conteúdos curriculares da série. O menino L. saiu da escola, o padrasto disse que precisava de uma professora que acreditasse no menino para que ela conseguisse aprender alguma coisa.

O PROFESSOR COMO ORÁCULO DO ALUNO

Com os elementos anteriormente apresentados, a partir de alguns aspectos levantados durante este trabalho, neste espaço procuramos analisar o que a revisão bibliográfica combinada com a prática permitiram. As conclusões aqui discutidas não são o fechamento do trabalho, pois por ser uma pesquisa qualitativa não é um objetivo destas análises chegar à conclusões globais, mas parciais das situações vivenciadas.

A palavra dos primeiros professores, normalmente, fica marcada em todos os alunos que o autorizaram e acreditaram nele. Isto mostra a importância da fala do professor, que marca para sempre, quando este é colocado como objeto do desejo de saber do aluno. O professor é ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial, por isso, passa a ter em mãos o poder de influencia sobre o aluno.

A necessidade inicial de amparo na vida do ser humano o torna dependente do outro ao longo de sua vida. Além dos cuidados com o corpo e as necessidades biológicas do bebê, o adulto introduz a criança ao mundo simbólico pela palavra. De acordo com a fala do adulto é que a criança vai criando imagens de si, que podem ser positivas ou negativas. Ao entrar na escola, o adulto que passa a ter este poder de influencia sobre a “auto-imagem” do aluno é o professor. Quando o professor se estabelece como o oráculo do aluno, predizendo seu futuro, impede que este se imagine como alguém bem sucedido na vida. Como no caso do T. em que a professora fala que ele deve pensar o que quer ser quando crescer, pois para ser carroceiro não precisa estudar, além de dizer que os carroceiros são “burros”, deixando claro que o menino estava querendo ser “burro” como o avô. Com estas palavras há uma quebra na admiração do aluno pela profissão que deseja ter, impedindo-o de pensar nos seus desejos futuros. A palavra do professor tem grande importância a partir do momento que o desejo do aluno lhe confere poder. Ao agir desta forma, a professora reforça o seu poder, mostrando o papel do professor como um educador que transmite os valores e ideais sociais ao aluno.

É necessário refletir sobre quais os valores do professor sobre o fracasso do aluno. Quando o professor se põe no lugar de “detentor” de conhecimento, também

demonstra seus valores sobre o que é o sucesso ou fracasso do aluno, que, como já explicado anteriormente, podem ser vistos de muitos ângulos. O professor que faz a profecia sobre o futuro do aluno acredita que o fracasso escolar pode ser por problemas de aprendizagem ou pela omissão da família. O próprio professor poderia refletir sobre como o seu papel é importante neste fracasso, sobre a influência de sua palavra neste futuro incerto do aluno.

As experiências de sucesso ou fracasso na aprendizagem são influenciados pela palavra do professor. A criança que nasce desamparada continua necessitando do apoio do adulto ao longo de toda sua infância e, talvez, adolescência. A palavra do adulto, neste caso do professor, se faz necessária uma vez que uma das formas de aprendizagem é através da linguagem. No entanto, quando deixa de ter o caráter “explicativo” e passa a ser sobre o destino do aluno adquire importância ainda maior.

A palavra do professor é indispensável para o aluno, porque além do caráter simbólico, a aprendizagem utiliza-se da linguagem como recurso. A criança coloca-se numa posição em que ela não sabe e o professor deve vir a preencher este vazio. Para ocupar este lugar do saber o professor coloca-se como um mestre, como quem tem o conhecimento. É através da posição de maestria que este professor se coloca que o aluno acaba por aceitar como verdade o que aquele fala, principalmente no que diz respeito ao seu futuro.

O processo de aprendizagem permeia muitas outras relações, que não só a de professor-aluno, por isso

A criança, diante das primeiras experiências de aprendizagem escolar, revive, repete e expressa sua maneira pessoal, particular de lidar com a realidade, esta maneira representa uma reedição da história de suas relações passadas (Barone, p. 79)

O cuidado e o relacionamento com os adultos que cumprem as funções materna e paterna refletem no relacionamento com o professor. Na aprendizagem é indispensável a presença do outro, do professor que vai mediar este processo. É como se através do processo de transferência, a criança pudesse reviver suas experiências passadas.

O professor que está colocado em uma posição significativa pode ou não propiciar o aprendizado, até porque para que o aprendizado aconteça é necessário que exista um professor, alguém que invista no aluno. Não há ensino sem professor. Se o professor não acredita no aluno, logo, não o ensina, desiste de investir no

aluno. No caso do menino K, a professora, bem como a mãe, já desistiram de investir nele. A professora não entendia os motivos pelos quais o menino deveria ir às aulas de reforço da ONG porque o menino não aprendia, assim como a mãe que não pode dar atenção ao menino porque tem que cuidar de sua irmã mais nova e trabalhar, ambas deixam claro que não há necessidade de acreditar em sua aprendizagem. Se os adultos que são tão importantes para o desenvolvimento da criança já não estão dispostos a investir nele, a criança não tem uma imagem positiva de si, por isso, acaba por aceitar e fazer com que seu destino previsto seja cumprido.

A palavra do professor adquiriu tanta importância porque estes alunos investiram nesta professora que muitas vezes era o único adulto disposto a inferir significado ao aluno como sujeito. Em especial no caso da menina D. que na falta de uma família espera da professora que esta possa oferecer-lhe oportunidades. Por ter perdido os pais e a irmã de forma trágica e contar apenas com a avó e a professora, estas ganham maior importância na vida da menina. Por isso, com a professora demonstrando preocupação com a vida da menina, sua palavra ganha sentido mais especial, fazendo com que a menina se submeta à ela e às suas profecias. Atribui grande significado, de forma que aquilo que a professora diz passe a ser realmente o seu futuro.

É através do processo de transferência que o professor se torna tão importante ao aluno. Mesmo que o professor desconheça este processo, sabe da relação de poder que sua posição de mestre lhe concede. O relacionamento do aluno com o professor e o processo de transferência que ocorre entre eles torna-se um fator para que a palavra do professor tenha importância. As falas deste professor não são apenas relacionadas aos conteúdos e o que importa nesta transferência é o que está no campo do relacionamento entre o professor e o aluno.

Observando o passado e o presente dos alunos é possível perceber que a palavra da professora teve grande importância, não só para os alunos, mas para suas famílias que também sofrem influência da palavra do professor. Além do professor que passa a não investir mais no futuro desta criança, a família também, convencida da palavra oracular, se exclui da educação da criança. Isto ocorreu com o menino K., quando a mãe aceitou a previsão da professora. Além de dizer à mãe do aluno que ele não aprende, diz também para os colegas não “perderem” tempo ajudando ele, pois ele não é capaz de realizar atividades. Quando todos os

envolvidos nesta situação acreditam na professora, atribuem um sentido ainda maior à palavra do professor na vida do menino.

As relações de poder estabelecidas dentro do contexto escolar pela professora anunciando o fracasso do aluno não são bem compreendidas por este, que não entende o porquê da professora estar falando para ele certas coisas. Muitas vezes o anúncio do fracasso escolar pode ser uma defesa do professor. Destinada a proteger sua própria incapacidade em auxiliar um aluno com dificuldades de aprendizagem. Ou, o que poderia ser pior, sua falta de habilidade para trabalhar nesta profissão. O fracasso escolar tem várias causas e a principal investigação neste trabalho é o professor. O professor que diante de um desafio, prefere retirar-se do seu dever alegando a incapacidade do aluno. Como forma de resistência, o aluno se submete à posição que o professor ocupa, desiste de si mesmo para que se cumpra o que o professor disse.

A palavra do professor se torna oracular a partir do momento que “sela” o destino do aluno. As conseqüências desta palavra são, muitas vezes, irreversíveis, pois impedem que o aluno possa ter uma auto imagem positiva em relação ao seu futuro. Mas para que a palavra tenha o caráter oracular é preciso que o aluno tenha o desejo de saber e, por isso, passe a desejar aquilo que falta a ele, o conhecimento. O professor, por sua vez, deve ter este conhecimento que irá preencher as lacunas do aluno, tornando-se desejável pelo aluno. O professor não consegue se manter na posição que o aluno o coloca, isto é, sendo o seu conhecimento objeto do desejo do aluno.

O aluno B. estava indo bem, desde o meu início como estagiária havia avançado muito nas hipóteses alfabéticas. No entanto ao conversar com a professora sobre seus avanços, ela afirma que eles não são suficientes para avançar à próxima série. O menino realmente não poderia avançar sem saber ler e escrever ortograficamente, mas com estas palavras a professora demonstra sua frustração em relação à aprendizagem do aluno. Este aprendeu, durante os poucos meses em que teve aula com a professora estagiária, o que não havia aprendido em todos os anos que fora aluno da professora titular. O professor como justificativa à sua incapacidade, ou pelo desconhecimento de que para haver aprendizagem é necessário haver desejo, utiliza a palavra como forma de convencer o aluno da sua culpa pelo fracasso escolar. O menino, por estar há tanto tempo na mesma série já não desejava mais o saber da professora titular, mas com um diferencial nas aulas

da professora estagiária, passou novamente a desejar o saber.

O professor pode defender-se de sua falta de vontade ou do desconhecimento de como agir com alunos que têm dificuldades de aprendizagem, acusando a família de se omitir de suas obrigações. À família do menino L. foi dito que suas dificuldades eram em função dos acontecimentos na infância do aluno, que a família havia sido descuidada. Em uma conversa com um familiar, ao descobrir que o menino havia sofrido abusos sexuais, a professora passou a dizer para a família do menino que os “problemas” escolares eram devido aos momentos difíceis que passou, omitindo-se totalmente de qualquer responsabilidade que o professor possa ter. Com argumentos tão fortes, em que a família sentia-se sensibilizada, mais uma vez a palavra do professor tornou-se verdade. Uma família que viveu um problema grande com esta criança tendo poucos recursos financeiros e pouco estudo acabou por conceder à professora um poder tão grande capaz de antecipar o futuro do aluno.

As comparações entre os alunos são mais um indício do despreparo do professor, pois cada criança tem o seu tempo de aprender, ainda que a escola tente normatizar este tempo. Quando a professora comparava o aluno B. que já estava pela terceira vez nesta série com seu primo M. que estava cursando pela primeira vez impedia que o aluno pudesse criar a sua identidade enquanto sujeito, enquanto um ser capaz de aprender. O adulto tem um papel muito importante para o desenvolvimento da imagem que a criança tem de si, ela enxerga aquilo que o adulto “devolve” à ela. Se o professor mantiver comparações não vai ajudar a criança a ter uma auto-imagem positiva, mas vai levar o aluno a tentar imitar um ideal, ainda que este seja inalcançável.

A escola onde foi realizado o estágio atende a crianças de classes populares. Grande parte dos alunos que foram considerados neste estudo eram de classe social mais baixa. Os pais destes alunos pouco tinham ou nem tinham estudo, muitas crianças precisavam da ajuda de irmãos mais velhos, vizinhos para fazerem as tarefas de casa. Conseqüentemente, arrisco-me a dizer que a condição financeira do aluno é mais um fator para que a palavra do professor tenha tanta importância para o aluno. Carentes não só de alimento, materiais e outros, são também carentes do investimento de um adulto. Nesta pesquisa, com estes alunos, pude constatar que os mais pobres são também os com mais índices de reprovação, os que mais sofrem influencia da professora. Os pais também atribuem grande significado ao

professor, pois, normalmente, tem menos estudo. Passam a admitir o caráter de oráculo do professor, porque de acordo com sua posição supõem que ele consegue ver mais longe. Portanto, os pais também ajudam a sustentar o poder de oráculo do professor.

ÚLTIMAS GOTAS...

Esta pesquisa desenvolvida após a conclusão do estágio de docência surgiu a partir de inquietações minhas por momentos em que a professora titular da turma estava na sala de aula. A questão da importância da fala do professor no destino do aluno esteve presente durante todo o meu estágio de docência. Estes momentos, em que a palavra da professora ganhava força na vida dos alunos me fizeram lidar com o desconforto gerado pela minha posição de estagiária.

Neste tempo, pude me introduzir na relação entre estes alunos e a professora titular e, com esta intervenção, pude mudar a situação de alguns alunos. Isto foi possível porque pude ocupar a posição de professora durante o período de prática. Portanto, fica clara a importância da multidisciplinaridade, de mais de um professor para a mesma turma trabalhando em conjunto com os outros professores. A existência de outro professor pode aumentar as possibilidades do aluno de ter uma auto-imagem positiva. Este “outro” ajuda a criança a se libertar do aprisionamento das profecias de um único professor, permitindo que o aluno deixe de ser o objeto passivo para ser um sujeito capaz de construir seu futuro. Uma questão a ser melhor pensada é um trabalho coletivo fora da sala de aula, com os professores que tem unicência. Isto pode propiciar questionamentos ao professor sobre sua prática. Este trabalho pode ter resultados positivos, se não houver mais de um professor na sala de aula, contribuindo na formação de um professor austero.

A questão do professor como oráculo surgiu na comparação entre as profecias auto-realizadoras e as previsões que os oráculos faziam e que selavam o destino de quem o consultava. Mesmo que, na maior parte das vezes, o aluno não vem a consultar o professor, este se autoriza a fazer previsões sobre ele. Por isso, busquei o aporte teórico para poder demonstrar como o professor pode, de fato, servir como oráculo do aluno.

Algumas constatações pude fazer ao longo desta pesquisa, ficou claro que a palavra do professor pode servir como oráculo do aluno, devido a muitos fatores, sendo capaz de selar seu destino. Esta palavra tem grande importância para o aluno, tanto para seu sucesso como para seu fracasso. Isso é possível através do relacionamento professor-aluno, onde a criança pode reviver momentos de sua

história com seus pais. O professor desenvolve um papel fundamental, o de continuar a educação, não apenas com conteúdos escolares, mas com seus gestos e atitudes em relação aos seus alunos.

O cuidado que o professor demonstra com seus alunos lhe confere mais poder, principalmente às crianças que não tem alguém que possa cumprir as funções maternas e paternas. Isto porque o aluno fica carente de um adulto que invista nele, suas expectativas e desejos, que o introduza no mundo simbólico através da linguagem.

Com um estudo mais aprofundado é possível que outras perspectivas sejam levadas em consideração. Este trabalho está limitado ao contexto de uma escola, de alguns alunos, não sendo possível estabelecer relações maiores com outras escolas e alunos. Muitas vezes fiquei paralisada diante de situações em que não soube como agir por minha condição de estagiária. Por conseguinte, tenho o objetivo de pesquisar mais profundamente pelo desconforto que as questões deste trabalho me causam.

REFERÊNCIAS

ANGELUCCI, Carla Biancha; KALMUS, Jaqueline; PAPARELLI, Renata; PATTO, Maria Helena Souza. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p.51-72, jan/abr/ 2004.

BARONE, Leda Maria Codeço. Algumas contribuições da psicanálise para a avaliação psicopedagógica. In: OLIVEIRA, Vera Barros; BOSSA, Nádia A. (orgs). **Avaliação psicopedagógica da criança de 0 a 6 anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 57-86.

CABISTANI, Roseli Maria Olabbarriaga. **Sentidos da Função paterna na educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 126f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 2007.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. O nascimento do sujeito. **Revista Mente e Cérebro**, São Paulo, v.2, n. 2, p.15 - 25, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004. 2120 p.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970. 707p.

MARASCHIN, Cleci; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; CARVALHO, Diana Carvalho de (orgs). **Psicologia & Educação: multiversos sentidos, olhares e experiências**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MELCHIORI, Lígia Ebner; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. Crenças de Educadoras de Creche sobre temperamento e desenvolvimento de bebês. **Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 285-292, setembro de 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PIAGET, Jean. Development and learning. In LAVATTELLY, C. S. e STENDLER, F. **Reading in child behavior and development**. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972. Tradução por Paulo Francisco Slomp

ROSENTHAL, Robert; JACOBSON, Lenore. Profecias auto-realizadoras na sala de aula: as expectativas dos professores como determinantes não intencionais da capacidade intelectual dos alunos. In: PATTO, Maria Helena Souza (org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p. 258 - 295

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita A. Teixeira (orgs). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.137-173.

STOLZMANN, Marianne Montenegro; RICKES, Simone Moschen. Do dom de transmitir à transmissão de um dom. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre, ano IX, n. 16, p. 39-51 , julho/1999. Publicação Interna.

VON HOHENDORFF, Clara Muniz. Cultura é aquilo que fica de tudo que se esquece. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre, ano IX, n. 16, p.52- 60, julho/1999. Publicação Interna.

WEISS, Maria Lucia Lemme. A avaliação e a instituição escolar. In: OLIVEIRA, Vera Barros; BOSSA, Nádia A. (orgs). **Avaliação psicopedagógica da criança de 7 a 11 anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p.163-182.